Apotegmas Eremitas do Sinai:

Apothegmata Patrum

O *Apothegmata Patrum* é uma coleção de cerca de 2.500 ditos no total. Estes são atribuídos nos manuscritos a um ou outro dos Padres do Deserto; monges e eremitas que viveram nos desertos egípcios a partir de meados do século IV. Originalmente passados de boca em boca, eles foram então reunidos em pequenas coleções que aparecem em manuscritos, e depois reunidos em coleções maiores e traduzidos para todas as línguas do cristianismo antigo. Um volume de ditos pode ser conhecido como *Paterikon* , ou mesmo *Gerontikon* !

Os ditos datam de meados do século IV em diante. As atribuições podem ser imperfeitas e o texto pode ter sido polido na transmissão. Como toda a literatura de “provérbios”, a analogia mais próxima é o livro de piadas moderno, onde cada ditado tende a ser atribuído a Churchill ou Groucho Marx, e o texto varia conforme o editor considera adequado para melhorá-lo.

Os ditos originais foram transmitidos oralmente, em vários idiomas. Mas a primeira forma escrita destas foi em grego, e todas as outras versões linguísticas derivam do material escrito grego.

Existem duas coleções gregas principais. Estes se diferenciam pela ordem em que o material é apresentado:

- **alfabético-anônimo** : Coleção por nome do autor, em ordem alfabética, com apêndice de ditos anônimos.
- **sistemática ou atual** : Uma coleção em 20 capítulos, organizados por assunto – as virtudes monásticas -, contendo ditos nomeados e não nomeados. Cada capítulo contém ditos nomeados em ordem alfabética, seguidos por ditos anônimos.

Autores anteriores acreditavam que havia três coleções, e não duas, porque a coleção anônima era editada separadamente da coleção alfabética. Isso foi inteiramente culpa do primeiro (e único) editor da coleção alfabética, Cotelier, que imprimiu sua obra em 1677. Ele imprimiu a coleção apenas a partir do manuscrito parisiense graecus 1599. Este não contém os ditos anônimos, nem mesmo o prefácio. à coleção, que afirma claramente que uma seção de ditos anônimos está no final, está danificada. Infelizmente, os textos eram frequentemente impressos a partir de um único manuscrito neste período, e se fosse um manuscrito danificado, que assim fosse. Consequentemente, as duas partes foram editadas e traduzidas separadamente. Nenhuma edição completa dos ditos anônimos foi feita, mas existe uma tradução francesa completa – feita diretamente de cinco manuscritos.

Outras coleções existem em grego, mas são derivadas dos “dois grandes”.

Aqui estão as duas coleções gregas:

Coleção Alfabética-Anônima

Isto foi editado em duas partes. Normalmente é precedido por um breve prólogo no qual o compilador afirma que outros fizeram compilações menores de ditos antes dele (ver *PG* 65: 72-76; especialmente 73A).

[AP] G – Collectio Graeca Alphabetica , a Coleção de Ordem Alfabética. (CPG 5560). Não existe edição crítica.

Edição : J.-B. Cotelier, *Ecclesiae Graecae Monumenta* I, Paris 1677; reimpresso em *PG* 65, 72-440.
Tradução : Benedicta Ward, *Provérbios dos Padres do Deserto: a coleção alfabética* , 1975. A edição e tradução refletem um único manuscrito, Paris gr. 1599. Mas Butler nos diz que existe uma versão mais completa desta coleção na Biblioteca Britânica, Sra. Burney 50. [1] Dom Lucien Regnault, *Les sentenças des Peres de desert: Coleção alfabética* , Solesmes, 1981. ISBN 2-85274-051-6 (Sinfonia). John Wortley, *Give Me a Word: The Alphabetical Sayings of the Desert Fathers* , Série: Popular Patrística 52, SVS Press, 2015.

[AP] GN – Collectio Graeca Anonyma, a Coleção Anônima (CPG 5561).

Edição parcial (do cód. Coislin 126): F. Nau, "Le chapitre περὶ τῶν ἀναχωρητῶν ἁγίων et les sources de la vie de S. Paul de Thebes", *Revue de l'Orient Chrétien* 10 (1905); F. Nau, Apophthegmata Patrum (coleção anônima) (e cód. Coislin. 126), ed. F. Nau, "Histórias de Solitários Egípcios", *Revue de l'Orient Chrétien* 12-14,17-18: Ie 12 (1907): 48-68,171-181, 393-404; 13 (1908): 47-57, 266-283; 14 (1909): 357-379; 17 (1912): 204-211, 294-301; 18 (1913): 137-146.
Traduções : Benedicta Ward, *A Sabedoria dos Padres do Deserto: Provérbios Sistemáticos da série Anônima do Apophthegmata Patrum* , 2ª ed., SLG Press, 2001; John Wortley, *The Anonymous Sayings of the Desert Fathers : Uma edição selecionada e tradução completa para o inglês* , Cambridge 2013; Tradução francesa completa: Lucien Regnauld, *Les Sentences des Pères du Désert, série des anonymes* , Solesmes e Bellefontaine, 1985. Isto é principalmente de Cod. Sinai 448 e Cod. Coislin 126, mas trabalhando diretamente a partir de 5 manuscritos. [2] .

Coleção Grega Sistemática

[AP] GS – Esta é a coleção de ordem temática (CPG 5562), e foi editada na *série Sources Chrétiennes* .

Edição e tradução francesa : Jean-Claude Guy, *Les apophtegmes des pères* , Série: *Sources Chrétiennes* 387 (1993: capítulos i-ix), 474 (2003: capítulos x-xvi) e 498 (2005). 498 (2005). Tradução para o inglês da edição Guy: John Wortley, *The Book of the Elders: Sayings of the Desert Fathers, the Systematic Collection* , Collegeville, Minnesota, 2012. Wortley escreve aqui que "Uma tradução anterior de Dom Lucien Regnault, *Les chemins de Dieu au desert: collection systematique des Apophtegmes des Peres,* Solesmes 1992, é particularmente útil porque inclui alguns itens das várias "versões orientais" (copta, siríaca, armênia, georgiana, etíope etc.), não encontradas em nenhum outro lugar."

Existem outras coleções existentes em grego.

* * * *

Coleções latinas

As 5 coleções latinas são todas derivadas do grego.

[AP] PJ – Coleção Latina Sistemática (CPG 5570). Tradução latina atribuída a **Pelágio e João** . Feito no século VI. Títulos de capítulos preservados em Photius.

Edição : H. Rosweyde, *Vitae Patrum* V-VI, Antuérpia 1615, 1623; reimpresso PL 73: 851-1022; 1060-1062.
Tradução : Benedicta Ward, *The Desert Fathers: Sayings of the Early Christian Monks* , Londres e Nova York, 2003. *Os Apoftegmas dos Padres (Recensão de Pelage e John). Introdução de Dom L. Regnault. Tradução de Dom J. Dion e Dom G. Oury* , Solesmes, 1966 (Revisão).

[AP] PA = Collectio a Paschasius Dumiensi = Coleção de Paschasius de Dumius, discípulo de Martinho de Braga, sob o título *Verba Seniorum* (CPG 5571). **Pa** = a breve revisão no PL 73.

Edição : J. Geraldes Freire, *A Latin Versao de Pascasius de Dume do Apophthegmata Patrum* , I, Coimbra 1971; *PL* 73: 1025-1062 (versão abreviada).
Tradução : Lucien Regnault, *O Livro dos Antigos. Coleção de apotegmas dos Padres do Deserto traduzidos do grego para o latim pelo Beato Paschase* , Solesmes. Sinopse .

[AP] M = Coleção de Martinus Dumiensi (CPG 5572) = Coleção de Martinus de Braga.

Edição : CW Barlow, *As Obras do Bispo Martin Bracarensis* , New Haven 1950; PL 74:381-394, sob o título Martinho de Braga, *Opiniões dos Padres Egípcios* .

[AP] CSP = Coleção de Plebeus dos Santos Padres (CPG 5573).

Edição : J. Geraldes Freire, *Communiones sanctorum patrum* , Coimbra 1974.

[AP] R = Coleção a pseudo-Rufino (CPG 5574). Esta é uma compilação de material de outros (veja a entrada CPG para obter detalhes).

Edição : H. Rosweyde, *Vida dos Padres* III. Antuérpia 1615; PL 73: 739:810.

* * * *

Outras línguas

Existem também coleções em outras línguas, todas derivadas do grego.

[AP] S = Coleção Siríaca, Enaniesu recente = Versão siríaca do Nestoriano Anan-Isho / Ananjesus (CPG 5577). Uma tradução mais antiga não publicada está listada como CPG

Edição : P. Bedjan. Acta Martyrum et Sanctorum VII, Paris 1897; EAW Budge, *O Livro do Paraíso* , I-II. Londres 1904 (com tradução para o inglês).

[AP] A = Coleção Armênia , resenhas A e B (CPG 5582 + 5583).

Edição: *O livro chamado Pais da Vida* , ed. Gregório, o Patriarca de Jerusalém e João, o Eparca, Constantinopla 1721; *Vitae Patrum* , I, Veneza 1855. Louis Leloir, *Paterica*

Armeniaca a PPMechitaristis edita (1855) agora traduz em latim, CSCO 353, 361, 371, 379; 1974-6.

[AP] Sa = Coleção Saídica (CPG 5588). A versão Sahidic Copta.

Edição : M. Chaine, *Le manuscrit de la version copte en dialect sahidique des "Apophthegmata Patrum"* , Bibliotheque d'etudes coptes VI, Cairo 1960. Esta versão é preservada em um único manuscrito, agora espalhado por cinco bibliotecas diferentes. Veja TO Lambdin, *Introdução ao Sahidic Coptic* , 1983, p.146 .

[AP] Bo = Coleção Bohairica (CPG 5589). A versão Bohairic Copta.

Edição : E. Amelineau, *História dos mosteiros do Baixo Egito* (AMG 25), Paris 1894.

[AP] E = Coleção Etíope (CPG 5597 + 5598). Coleção Etíope.

Edição : V. Arras, *Coleção Monástica* (CSCO 238-239), Louvain 1963; V. Arras, *Patericon Aethiopice* . (CSCO 277-278), Lovaina 1967.

* * * *

Nem estas são todas as versões linguísticas!

Existem também versões georgianas de cada uma das duas principais coleções gregas (CPG 5593 e 5594), discutidas em M. Dvali, *Antigas traduções georgianas de histórias da Idade Média. Voo. 1: Tradução de Euthyme, o Hagiorita, de uma antiga recensão do Patericon, de acordo com um manuserit do século XI* , Tiflis: Institute of Manuscripts, 1966.

Existe também uma tradição árabe "muito rica".

Joseph-Marie Sauget, *uma tradução para o árabe da coleção de Apophthegmata Patrum por `Ananisho. Estudo da Sra. Paris. ar. 253* . CSCO 495, Lovaina, 1987.

Para uma versão eslava antiga da Coleção Sistemática Grega, consulte William R. Veder, "The Systematic Collection of Apophthegmata patrum: The Life of Its First Greek Codex from ca. 500 a 885", *Ohio Slavic Papers* 9 (2009), 375-386, online aqui .

* * * *

Estudos

O estudo padrão é Wilhelm Bousset, *Apotegmata. Studien zur Geschichte des ältesten Mönchtums* , Tübingen 1923, embora infelizmente só tenha conseguido obter algumas páginas deste e não esteja nada claro. Tem cerca de 100 páginas de discussão, seguidas de extensas tabelas sobre o que é dito e em que coleção.

Os manuscritos e a tradição grega são discutidos em J.-C. Guy, *Pesquisas sobre a tradição grega de "Apophthegmata Patrum"* , Série: *Subsidia hagiographica* 36; Bruxelas: Sociedade de Bollandistas, 1962.

Um artigo de Samuel Rubenson, “The Formation and Reformations of the Apophthegmata Patrum”, *Studia Patristica* 55.3 (2013), 5-22, está online aqui .

Bancos de dados

Existe um banco de dados maravilhoso de ditos, textos (em vários idiomas) e traduções na Suécia, na Universidade de Lund em http://monastica.ht.lu.se/ . Isto ainda está incompleto, de acordo com a página inicial, mas é obviamente de grande valor.

* * * *

Então aí está. Referi-me algumas vezes recentemente à tradução de Benedicta Ward de uma forma do *Apothegmata Patrum* (também *Apophthegmata* !), ou *Provérbios dos Padres* . Esta noite passei algum tempo tentando estabelecer que outras versões desta coleção de ditos podem existir, então pensei em compartilhá-las com vocês. [3] O material nas patologias é infelizmente inadequado. Então… espero que isso seja útil.

ATUALIZAÇÃO: Acho que há um próximo volume de John Wortley, *More Sayings of the Desert Fathers: An English Translation and Notes* , Cambridge, 2019, com introdução de Samuel Rubenson. Sinopse : “A maioria dos contos e ditos dos Padres do Deserto (apoftegmas) sobreviveram em grego e a maioria deles está agora disponível em inglês, quase 2.500 em número. Outros seiscentos itens em seis idiomas estão disponíveis em francês há algum tempo, mas muitas vezes em traduções de segunda e até terceira mão. Estes foram recentemente traduzidos diretamente dos idiomas originais por estudiosos especializados nesses idiomas e são apresentados, juntamente com uma introdução e breves notas, ao leitor inglês...” Os volumes de Wortley são caros, entretanto. A referência ao francês provavelmente se refere a Lucien Regnault, *Les Sentences des Pères du désert – Troisième recueil & tabelas* , 2005 (sinopse : que diz que este é material das duas coleções gregas não encontrado nos textos impressos, e traduzido diretamente de manuscritos). Outro item da abadia de Solesmes é bastante misterioso: *As Sentenças dos Padres do Deserto – Nova coleção. Apotegmas inéditos ou pouco conhecidos coletados e apresentados por Dom Lucien Regnault, traduzidos pelos monges de Solesmes* . (Sinopse)

ATUALIZAÇÃO (11 de outubro de 2018): Eu pretendia fornecer os manuscritos do grego em uma postagem separada, mas parece melhor adicioná-los aqui. O banco de dados Pinakes lista centenas de manuscritos tanto para a coleção Alfabética-Anônima quanto para a coleção Sistemática; mas Guy, que editou o último e se preparou para editar o primeiro, tem uma discussão bastante mais útil em suas *Recherches* . [4]

Manuscritos da Coleção Alfabética-Anônima Grega

- **A** = Paris, Coislin 126, fol. 1-158. (século 10-11). Mutilado no início, faltando título, prólogo e início do texto até “Antônio” 17. Também mutilado no final.
- **B** = Berlim, Phillipps 1624 (séc. XII). Começa com “Isaías 5”.
- **C** = Paris, Coislin 232 (séc. XI) Mutilado no início, mas parte faltante substituída no século XIV-XV por material não muito bom.
- **D** = Parisgr. 1599 (séc. XII) Não contém os ditos anónimos. A base para a edição Cotelier. O prólogo tem uma lacuna.
- **E** = Paris gr. 916 (séc. XI) Não contém os ditos anónimos. Água danificada.
- **F** = Atenas, bíblia. não. 504 (séc. XII)

- **J** = Sinai, Santa Catarina 448 (1004 DC). O único manuscrito completo. A assinatura no final agora é difícil de ler.
- **K** = Paris, Coislin 283 (séc. XI) Contém apenas os ditos anônimos.
- **L** = Londres, Biblioteca Britânica Addit. 22508 (séc. XII). Começa com "Gelasius 1".
- **N** = Paris, Coislin 126, fol. 158-313v.
- **P** = Parisgr. 890 (século XI). Contém apenas os ditos anônimos.
- **c** = Paris, Coislin 257 (século XI) Versão abreviada.
- **d** = Sinai, Santa Catarina 450. (séc. XII) Contém apenas os ditos anônimos.
- **m** = Milão, Ambros. F 100 sup. (1113 DC) Versão abreviada.
- (**G** = edição impressa do Alphabeticon, editada pela Cotelier, reimpressa em PG 65: 71-440).

ABCEFJL tendem a concordar em suas leituras em relação a D, que é a base do texto impresso G, embora discordem entre si.

Há também uma versão abreviada da coleção preservada em 4 manuscritos.

Manuscritos da Coleção Sistemática Grega

- **H** = Milão, Ambros. C 30 inf (séc. XII)
- **M** = Paris, Coislin 282 (séc. XI)
- **Q** = Parisgr. 917 (séc. XII)
- **R** = Parisgr. 914 (séc. XII)
- **T** = Atenas, bíblia. não. 500 (séc. XII)
- **V** = Vaticano, Ottoboni 174 (séc. X-XI)
- **W** = Athos, Lavra B 37 (970 AD)
- **Y** = Athos, Protaton 86 (séc. IX) Mutilado.
- (**PJ** = tradução latina da coleção editada por H. Rosweyde, reimpressa PL 73: 855-1022).

1. [1] Cuthbert Butler, *Lausiac History of Palladius* , Cambridge, 1898, Parte I, p.209, n.2. ↩
2. [2] Então Wortley, aqui e n.11 ↩
3. [3] A lista a seguir é baseada em Samuel Rubenson, *The Letters of Saint Anthony* , Fortress Press, 1995, e um pouco aumentada por mim. ↩
4. [4] See p.4 for sigla, p.16 for mss. ↩

Uma citação via Twitter :

Ler as Escrituras é uma grande salvaguarda contra o pecado…É uma grande traição à salvação não saber nada da Lei Divina…A ignorância das Escrituras é um precipício e um abismo profundo." – Epifânio de Salamina/Chipre

O ditado vem da seção sobre Epifânio, seções 4-12. Aqui está o contexto. (PG 65, col. 164C; Ala p.58): 4. Um dia, Santo Epifânio enviou alguém a Abba Hilarion com este pedido: 'Venha e vejamo-nos antes de partirmos do corpo.' Quando ele chegou, eles se alegraram com a companhia um do outro. Durante a refeição, trouxeram-lhes uma ave; Epifânio pegou e deu a Hilarion. Então o velho disse-lhe: 'Perdoe-me, mas desde que adquiri o hábito não comi carne que tenha sido morta.' Então o bispo respondeu: 'Desde que tomei o hábito, não permiti que ninguém dormisse. com uma queixa contra mim e eu

não fui descansar com uma queixa contra ninguém.' O velho respondeu: 'Perdoe-me, seu modo de vida é melhor que o meu.' 5. O mesmo velho disse: ‘Melquisedeque, a imagem de Cristo, abençoou Abraão, o pai dos judeus; quanto mais a própria verdade, que é o Cristo, abençoa e santifica todos aqueles que nela crêem.’ 6. O mesmo velho disse: ‘A mulher cananeia clama e é ouvida; (Mat. 15) a mulher que tem fluxo de sangue fica calada e é chamada de bem-aventurada; (Lucas 8) o fariseu fala e é condenado; (Mat. 9) o publicano não abre a boca e é ouvido.’ (Lucas 18) 7. O mesmo velho disse: ‘O profeta Davi orou tarde da noite; acordando no meio da noite, ele orou antes do amanhecer; ao amanhecer ele estava diante do Senhor; na madrugada ele orava, à noite e ao meio-dia ele orava novamente, e é por isso que ele disse: “Sete vezes por dia eu te louvei”. 8. Ele também disse: ‘A aquisição de livros cristãos é necessária para aqueles que podem utilizá-los. Pois a mera visão destes livros nos torna menos inclinados ao pecado e nos incita a acreditar mais firmemente na justiça.’ 9. Ele também disse: ‘Ler as Escrituras é uma grande salvaguarda contra o pecado’. 10. Ele também disse: ‘É uma grande traição à salvação não saber nada sobre a lei divina.’ 11. Ele também disse: ‘A ignorância das Escrituras é um precipício e um abismo profundo.’ 12. O mesmo Aba disse, ‘Os justos pecam pela boca, mas os ímpios pecam com todos os seus corpos. É por isso que David canta; “Põe, ó Senhor, uma guarda diante da minha boca e guarda a porta dos meus lábios.” (Sal. 141.3) E novamente: “Cuidarei dos meus caminhos para não pecar com a minha língua”. ‘(Sal. 39.1) Bom som, é claro. As atribuições em qualquer coleção de literatura de “ditos” devem ser todas tomadas com cautela, pois não se trata de um gênero literário, onde a forma original importa, mas sim de um gênero prático, onde tudo o que é útil é incluído e atribuído a quem quer que seja. O mesmo processo nos tempos modernos nos dá o vasto número de ditos atribuídos a Winston Churchill. [1]Benedicta Ward (trad.), Os ditos dos Padres do Deserto: a coleção alfabética, 1975.↩

Anastácio do Sinai - Coleção 1

Há dez anos, dois padres da Montanha Sagrada de Sinai (um dos quais ainda está vivo na carne) subiram à noite para fazer reverência no Cume Sagrado. Quando eles estavam a dois tiros de flecha do Santo Elias, eles notaram uma certa fragrância estranha, diferente das fragrâncias deste mundo. O discípulo sugeriu que o zelador estava fazendo a oferenda de incenso, mas o velho (que era seu supervisor e ainda está vivo) disse-lhe: 'Isto não é uma fragrância terrena'. Ao se aproximarem do santuário, eis! eles o viram ardendo por dentro como uma fornalha ardente, com fogo brilhando em todas as suas janelas. Quando o discípulo teve a visão, ele estremeceu, mas o velho o tranquilizou, dizendo: 'Do que você tem medo, meu filho? Eles são poderes angélicos, nossos companheiros escravos. Não seja um covarde. No céu, eles veneram a nossa natureza, não nós a deles. E assim, como numa fornalha, eles entraram destemidamente no santuário e oraram.

Depois subiram ao Cume Santo, pois já era de manhã. Quando o guardião os viu, observou que seus rostos brilhavam gloriosamente como o rosto de Moisés outrora brilhou. Ele lhes disse: 'O que vocês viram durante a subida?' Como queriam manter segredo, disseram: 'Nada, padre'. Então o zelador, que também era um escravo do Senhor, falou-lhes mais uma vez: 'Acreditem em mim, vocês tiveram uma visão, pois vejam! Seus rostos estão radiantes com a glória do Espírito Santo'. Eles prestaram reverência diante dele e imploraram que não contasse a ninguém. Depois de fazerem suas orações, eles partiram em paz.Abba Misaÿl, o Ibérico, disse-nos que, 'Quando eu era assistente na Montanha Sagrada, uma noite eu estava de pé e rezava dentro do santuário.

Todas as portas estavam bem fechadas, quando eis! Vi três homens entrarem sem abri-los. Um usava uma velha camisa de cilício, enquanto os outros dois vestiam túnicas de mangas curtas feitas de fibras de palmeira. Quando me viram olhando para eles, ficaram surpresos. Eles me disseram: “Podemos comungar, Senhor Irmão?” Eu lhes disse: “Sim, padres, por favor, vou acordar o zelador”. Eles me disseram: “Não, não o incomode”. 'A porta da área de serviço foi trancada com a chave e também o armário onde se guardava a Sagrada Comunhão. Então eles foram e prestaram homenagem diante das portas da área de serviço. Abriram-se instantânea e automaticamente, tanto as portas como o armário. Depois de comungar, eles partiram. As portas fecharam-se novamente atrás deles sozinhas e os homens tornaram-se invisíveis.”

João, o mais santo hegúmen desta Montanha Sagrada do Sinai, uma vez nos disse que havia um zelador do Cume Sagrado anos atrás que havia subido uma noite para jogar no incenso. De repente começou a nevar forte, de modo que a montanha do Cume Santo ficou coberta por três ou quatro côvados de neve. O zelador ficou isolado lá em cima e não conseguiu descer. Ora, naquela época ninguém ousava dormir no Cume Sagrado. O zelador executou o ofício o máximo que pôde, mas ao amanhecer ficou com sono. Transportado por Deus, encontrou-se na Basílica de São Pedro, em Roma. Os clérigos ficaram surpresos ao vê-lo aparecer de repente entre eles. Junto com eles, ele foi ao papa e contou o que havia acontecido. Por arranjo de Deus, descobriu-se que ele trazia em seu cinto as chaves da porta com a inscrição: 'Para o Cume Sagrado do Monte Sinai'. Portanto, o santíssimo papa abraçou-o e ordenou-o bispo de uma das cidades sob a Sé de Roma. Mas ele também lhe perguntou: 'Do que o mosteiro precisa?' Ao saber que o mosteiro precisava de uma enfermaria, enviou dinheiro e cartas e construiu a enfermaria, anotando também o mês, o dia e os fatos relativos ao zelador. Nesta enfermaria eu também fui diretor de enfermaria há algum tempo.

Os armênios, como todos sabem, têm o costume de vir em massa para orar na Montanha Sagrada de Sinai. Há vinte anos, um grande grupo deles

veio, oitocentas almas. Eles subiram ao Cume Santo, e quando finalmente alcançaram a Rocha Sagrada mais externa, onde Moisés recebeu a Lei, ocorreu naquele lugar santo e entre aqueles leigos uma visão de Deus, uma terrível obra de maravilha. Assim como antigamente, na época da Legislação, agora também toda a Cúpula Sagrada e os leigos pareciam estar envoltos em fogo. Mas o incrível é que ninguém se viu sendo chamuscado ou queimado; em vez disso, uma pessoa viu a outra, e cada uma viu a outra [sendo chamuscada e queimada]. A multidão ficou aterrorizada e gritou: “Senhor, tenha piedade”, durante cerca de uma hora, e o fogo diminuiu novamente. Nem um fio de cabelo nem uma peça de roupa entre eles foram danificados. Em vez disso, apenas seus cajados pegaram fogo, como velas, em meio à visão. Depois de extintos ainda traziam a marca do incêndio, tendo sido carbonizados nas pontas como se fossem pelo fogo. Com esta forma eles testemunham mesmo no seu país, como se falassem em voz alta, que “Hoje, na Montanha Sagrada de Sinai, o Senhor foi visto novamente em fogo”. Na verdade, essa visão foi vista até por alguns sarracenos que estavam lá naquela época.

Eles não confiaram, mas continuaram a insultar este lugar sagrado por causa das imagens e cruzes veneráveis que nele existem. Mas eles deveriam antes compreender e dizer que, 'Se Deus fosse blasfemado pelos cristãos, Ele não estaria realizando em suas igrejas tais visões, que Ele nunca fez entre nós ou entre qualquer outra fé ou sinagoga de judeus ou árabes'. Outra vez, no mesmo Cume Sagrado, antes de ser poluído e contaminado pela nação atual, um irmão que servia como atendente do custódio escondeu-se desdenhosamente dentro do santuário, dizendo que não mal aconteceria a quem dormisse lá. O zelador pensou que seu discípulo havia descido antes dele, então depois de incensar o lugar sagrado, ele fechou as portas e foi embora. À noite, o discípulo que estava escondido no santuário levantou-se para acender as lamparinas. Quando ele chegou à primeira lâmpada, a faísca que ele espalhou instantaneamente queimou seu lado por ordem divina. A partir daquele momento, todo o seu lado, incluindo uma mão e um pé, murchou e permaneceu meio murcho até morrer.

Há cinco anos, outro irmão tornou-se assistente na mesma Montanha Sagrada. Ele era um armênio chamado Eliseu. Ele costumava dizer que nem uma vez, nem duas, mas quase todas as noites ele via fogo queimando dentro do Santuário Sagrado da Divina Doação da Lei. Isto porque ele era puro e digno.Certa vez, durante uma festa do Santo Pentecostes, enquanto a Santa Anáfora estava sendo realizada naquele Santo Cume, enquanto o celebrante cantava o hino triunfante, todas as montanhas responderam com um grito terrível, dizendo três vezes: 'Santo Santo Santo'. O grito ecoou e durou meia hora. Este grito não foi ouvido por todos, mas apenas por aqueles que tinham aqueles ouvidos sobre os quais Cristo disse: 'Quem tem ouvidos para ouvir, ouça'.

Outro irmão - aquele que vive com o presente escritor desde que ele deixou o ventre de sua mãe - uma vez me disse: 'Há três anos subi do deserto para a Montanha Sagrada três dias antes da Festa do Santo Cume. À noite, como se estivesse em transe, me vi no palácio. Alguém estava me interrogando, dizendo: “Por que você veio aqui, Senhor Abba?” Quando eu disse: “Vim ansiosamente venerar o Imperador”, ele me disse: “Muito bem, então, se você vai fazer um pedido, vá até ele antes que ele receba a multidão e ele realmente lhe dará tanto quanto lhe pedires.”' Pela Sua Glória! foi exatamente isso que aconteceu. Pois depois que ele voltou a si da visão e analisou as coisas vistas e ditas, então (como ele mesmo me disse): 'Falei com aqueles que administravam o lugar santo. Levando um padre e tudo o que era necessário, subi na véspera da festa, fiz um serviço religioso no Cume Santo, coloquei meus pedidos diante de Deus e recebi o que havia pedido, como o curso dos acontecimentos mostrou.

Há alguns anos, com o consentimento do Senhor, uma praga mortal surgiu em nosso deserto. Um pai santo – um homem virtuoso – morreu e foi sepultado no local de descanso. No dia seguinte, um dos irmãos mais negligentes morreu e foi sepultado acima do tabernáculo corporal do santo. Um dia depois, outro pai morreu. Quando foram depositar seus restos mortais, descobriram que o homem santo havia jogado sozinho no chão o tabernáculo do irmão pecador. Na época eles pensaram que isso tinha acontecido por acidente e não por milagre, então pegaram o irmão e o colocaram de volta acima do pai. Mas no dia seguinte, quando chegaram, descobriram que o virtuoso pai havia expulsado o irmão. Quando soube disso, nosso santo pai, o hégoumen, veio e entrou no túmulo. Ao velho morto, que se chamava João, ele comentou: 'Abba João, durante sua vida você foi gentil e tolerante'. Com suas próprias mãos ele pegou os restos mortais do irmão e os colocou sobre o velho e disse-lhe novamente: 'Suporta o irmão, Abba João, mesmo que ele fosse um pecador, assim como Deus suporta os pecados do mundo'. Daquele dia em diante o velho nunca mais jogou fora o tabernáculo do irmão.

Há um lugar desolado e muito acidentado a sessenta quilômetros da Montanha Sagrada chamado Tourba. Aqui um velho maravilhoso morava com seu discípulo. Nos dias de nosso santo pai, o hegúmeno João, dois excubitores, irmãos gêmeos, vieram de Constantinopla para fazer suas renúncias na Montanha Sagrada. Depois de passar dois anos no mosteiro, foram morar sozinhos, onde aquele grande velho residia em Tourba. Depois de passar algum tempo lá, eles morreram. O velho e seu discípulo pegaram seus restos mortais e foram enterrá-los, depositando-os em uma caverna. Poucos dias depois, o velho também morreu. Seu discípulo foi e colocou seus restos mortais entre os restos mortais dos dois excubitores, para, veja bem, homenagear o velho. No terceiro dia, quando foi lançar incenso para o velho, descobriu que os excubitores haviam jogado seus restos mortais longe entre

eles. Isso o aborreceu muito. Ele pegou e colocou os restos mortais entre eles novamente, mas quando voltou descobriu que eles o haviam jogado fora novamente. Isso aconteceu três vezes.

Finalmente o discípulo sentou-se lamentando, dizendo para si mesmo: 'O velho cometeu heresia em sua alma ou algum pecado imperdoável? Pois eis! esses noviços o expulsaram três vezes. Naquela noite, enquanto ele ponderava essas coisas entre lágrimas, os dois excubitores ficaram diante dele e disseram: 'Acredite, senhor, seu velho não era um herege, nem tinha qualquer culpa, mas ele também é um escravo de Cristo. Quanto a você, você não poderia dizer que nascemos juntos, servimos juntos ao rei terreno, fizemos nossas renúncias juntos, fomos sepultados ao mesmo tempo e estivemos juntos diante de Cristo? Mas você nos separou colocando outra pessoa entre nós. Ao ver e ouvir essas coisas, o irmão ficou tranqüilo e louvou a Deus.

Abba Martyrius, que fez com que nosso santo pai, o hegúmen, fosse tonsurado, permaneceu por alguns anos no Golfo de Santo Antônio, do outro lado do Mar Vermelho. Enquanto ele residia lá, alguns bárbaros selvagens atacaram aqueles que viviam naquelas montanhas. Depois de devastarem o local, assassinaram seis pais, entre os quais estava Abba Conon, o Cilício, um homem de discernimento que foi dotado com o dom de profecia. Abba Martyrius pegou seus corpos e os depositou em uma caverna. Ele enrolou uma grande laje sobre a boca e cobriu-a com cal na qual escreveu os nomes

dos homens santos. Algum tempo depois, ele foi inspecionar o túmulo, com medo de que tivesse sido desenterrado por uma hiena ou algum outro animal selvagem. Ele veio e encontrou a inscrição intacta e todo o túmulo intacto, mas quando o abriu e entrou, descobriu que dois dos corpos haviam sido transportados por Deus, para onde só Ele sabe. Estes eram os corpos de Abba Conon e de outro grande velhinho.

Quando este mesmo Abba Martyrius tonsurou nosso santo pai João, o Hegúmen, quando ele tinha vinte anos, ele o levou para o pilar de nosso deserto, Abba João, o Saba'i'te, que vivia no deserto de Goudda com seu discípulo Abade Estêvão, o Capadócio. Quando o velho – o Sabaïte – os viu, levantou-se, despejou água numa pequena bacia e lavou os pés do discípulo e beijou-lhe a mão. No entanto, ele não lavou os pés do seu supervisor, Abba Martyrius. Abba Estevão ficou escandalizado com este ato. Depois que Abba Martyrius partiu com seu discípulo, Abba João pôde ver com seu olhar perspicaz que seu discípulo estava escandalizado. Ele lhe disse: 'Por que você está escandalizado? Acredite, não sei quem era aquele menino, mas recebi um hégoumen do Sinai e lavei seus pés. E quarenta anos depois ele se tornou nosso hegoumen de acordo com a profecia do velho.

Abba João não foi o único [a fazer esta previsão], mas Abba Strategius, o Recluso, também o fez. Sem sequer sair de sua cela, ele viu Abba João descendo do Cume Sagrado no dia em que Abba Anastácio, o hegúmeno, tonsurou-o. Chamando Abba Martyrius e o menino, ele disse ao velho: 'Diga-me, Abba Martyrius, de onde é esse menino? Quem o tonsurou? Abba Martyrius disse: 'Pai, ele é seu escravo e meu discípulo, e Abba Anastácio, o hegúmeno, tonsurou-o.' Então Abba Strategius disse-lhe: 'Bem, Abba Martyrius, quem vai contar ao Abba Anastácio que ele tonsurou um hegúmeno do Sinai hoje?' As previsões dos santos padres a respeito de todos nós – o santo Padre João eram dignas, verdadeiras e corretas. Ele era tão 'adornado em todas as virtudes' e brilhante, que os pais do lugar o chamaram de um segundo Moisés. Certa vez, por exemplo, cerca de seiscentos estrangeiros se reuniram aqui. Enquanto eles estavam sentados e comendo, o santo

João, nosso pai, notou um homem com cabelos curtos e vestindo um fino tecido de linho à moda judaica, que corria dando ordens com autoridade aos cozinheiros, despenseiros, e o resto da os servidores. Depois que os leigos foram embora e os criados se sentaram para comer, procuraram o homem que corria por toda parte dando ordens, mas não o encontraram em lugar nenhum. Então o escravo de Cristo, o hegoumen, disse: 'Deixe-o em paz. Senhor Moisés não fez nada de estranho ao servir em seu próprio lugar.'

Havia também outro hegúmen chamado Isaurus. Ele era um homem que carregava o Espírito e era dotado do dom de curar. Certa vez, quando um paralítico estava na enfermaria, nossa Senhora, a Santa Mãe de Deus, apareceu diante dele e disse-lhe: 'Vá até o hegúmen. Ele fará uma oração por você e você ficará saudável.' Então o paralítico foi e arrastou-se até o hegúmeno. Pelo arranjo de Deus, quando ele bateu não havia ninguém para sair e abrir a porta para ele, exceto o hégoumen. Quando saiu e lhe abriu a porta, o paralítico apertou-lhe os pés e disse: 'Não te deixarei ir porque a Mãe de Deus me enviou até ti'. Motivado pela sua insistência, o velho tirou o cinto e entregou-lho, dizendo: 'Pega isto e põe-no.' Imediatamente depois de se cingir com ela, ele se levantou, saltou e caminhou, saltitando e louvando a Deus.

Arselaiou é um local localizado numa ravina de difícil acesso. Eu mesmo morei lá por um período de três anos. Encontrei dois pais armênios morando neste lugar, Abba Agathon e Abba Elijah, o sacerdote. Um dia Abba Elijah disse ao Abba Agathon: 'Prepare-se, irmão, porque em dez dias você partirá para o Senhor. Pois hoje vi você vestindo roupas novas [em vez de] seu hábito monástico e partindo para um casamento real. E na verdade, justamente quando você bateu, ouvi o administrador da casa dizer: "Bem-vindo, Abba Agathon. Abra espaço para ele e deixe-o entrar."' E assim aconteceu: dentro de cinco dias Abba Agathon partiu para o Senhor.

Neste lugar habitou Abba Miguel, o Ibérico, que partiu para o Senhor há cinco anos. Este Miguel teve um discípulo chamado Eustácio, que está [agora] na Babilônia em busca de tratamento para sua mão. Quando Aba Miguel adoeceu, Eustáquio ficou ao seu lado e chorou. Você vê, o túmulo dos Padres que está naquele lugar tem um acesso muito difícil e perigoso por uma rocha lisa. Então Abba Miguel disse ao Abba Eustathius: 'Filho, traga-me [as coisas que preciso] para me lavar e tomar a comunhão.' Feito isso, disse-lhe mais uma vez: 'Sabe, filho, a descida ao túmulo é perigosamente escorregadia. Se eu morrer [aqui], você corre o risco de ter que me carregar para baixo. Você pode cair do penhasco e morrer. Então venha, vamos fazer isso juntos, passo a passo.' Assim que desceram, o velho fez uma oração e abraçou Eustácio, dizendo: 'A paz esteja com você, filho. Reze por mim.' Ele deitou-se no cemitério e partiu para o Senhor com alegria e exultação.

No ano passado, quando nosso novo segundo Moisés, o santíssimo Abba João, o hegúmeno, estava prestes a ir para o Senhor, seu próprio irmão, Abba George, o bispo, ficou ao lado dele e chorou. Ele disse: 'Eis que você está me deixando e indo embora. Mas eu costumava rezar para que você liderasse meu cortejo fúnebre, porque não sou adequado para pastorear nossa companhia sem você. Abba João disse-lhe: 'Não se preocupe. Não fique angustiado. Se eu obtiver o direito de me dirigir a Deus livremente, não deixarei que você termine um único ano depois de mim.'

E assim aconteceu: dentro de dez meses o bispo foi em paz para o Senhor, durante o inverno passado. No referido lugar chamado Arselaiou havia também Abba George, apelidado de 'o Arsela'i'te'.Ele era o famoso orgulho do nosso deserto. Muitos me contam muitas coisas maravilhosas sobre ele, algumas das quais tentarei relatar brevemente. Certa vez, quando a estrada que vinha da Palestina estava assolada por bárbaros, surgiu uma grande escassez de óleo na Montanha Sagrada. Então o hégoumen desceu a Arselaiou e pediu ao homem de Deus, George, que subisse à Montanha Sagrada. Incapaz de desobedecer ao hegúmeno, ele subiu com ele.

O hégoumen levou-o até onde o azeite era guardado e pediu-lhe que fizesse uma oração sobre os tonéis de azeite, que não continham nada. Em tom de brincadeira, Abba George disse ao hegoumen: 'Vamos rezar apenas sobre um tonel, padre. Se orarmos por todos eles, em breve estaremos nadando em óleo aqui.' Depois de fazer sua oração sobre uma das cubas, o óleo imediatamente jorrou como se viesse de uma fonte.

O velho disse aos atendentes: 'Tirem o azeite e transfiram para o resto dos tonéis'. Quando tudo ficou cheio, o tanque parou de fluir, como aconteceu há muito tempo, no tempo de Eliseu. O hégoumen quis dar ao tanque o nome de 'de Abba George', mas o velho disse-lhe: 'Se você fizer algo assim, o óleo acabará - então dê-lhe o nome de nossa Santa Senhora, a

Mãe de Deus. ' E assim aconteceu: a cuba é mantida até hoje, e acima dela pende uma lâmpada que nunca se apaga, acesa em nome da Santa Mãe de Deus.

Certa vez, este justo George foi abordado por oito sarracenos que estavam com fome. Porque não tinha absolutamente nada deste mundo para lhes dar (pois comia alcaparras selvagens cruas, embora o seu amargor pudesse matar até um camelo) e porque podia ver que os sarracenos estavam morrendo de fome, o velho disse a um deles: 'Pegue seu arco, suba esta colina e você encontrará um rebanho de cabras selvagens. Atire em qualquer um deles que você quiser, mas nem tente atirar em outra. O sarraceno partiu exatamente como o velho lhe disse. Depois de atirar em uma e pegá-la e matá-la, ele tentou atirar em outra também. Imediatamente seu arco quebrou. Ele voltou com a carne e contou aos companheiros o que havia acontecido com ele.

Este homem três vezes abençoado reanimou seu discípulo fazendo o sinal da cruz sobre ele, que havia sido picado por uma áspide e estava prestes a expirar. Então ele pegou a áspide com as mãos e, como se fosse um gafanhoto, quebrou-a em dois, ordenando ao seu discípulo que não contasse isso a ninguém até sua morte. A morte deste grande pai (ou melhor, sua migração através da morte para a vida eterna) foi a seguinte: Quando começou a adoecer na sua caverna, deitou-se numa esteira e enviou um cristão sarraceno a Aila para chamar alguém querido, dizendo: 'Venha para que eu possa abraçá-lo antes de partir para o Senhor.' A distância da viagem foi de duzentos quilômetros. Doze dias depois, o velho deitado na esteira disse ao seu discípulo: 'Depressa, faça luz, pois eis que os irmãos chegaram.' Depois que o irmão acendeu o incensário, eis! o sarraceno e o querido do velho de Aila entraram na caverna. O velho fez uma oração, abraçou os dois, participou dos Santos Mistérios, deitou-se e partiu para o Senhor.

Abba Cyriacus me contou isso sobre seu supervisor Abba Estevão. 'Quando ele morava em Malocha' (um lugar em uma ravina de difícil acesso, quase impossível - eu mesmo estive lá uma vez - pois fica a cerca de sessenta quilômetros da Montanha Sagrada), 'ele plantou', ele disse, 'pequenas ervas verdes para sua nutrição. Ele não comeu mais nada. Mas os coneys vieram e os comeram e os devastaram. Um dia, enquanto o velho estava sentado em perigo, eis! Ele viu um leopardo passar. Ele gritou, e a besta veio e sentou-se aos seus pés. O velho disse: “Faça-me um favor. Não saia daqui, mas proteja este pequeno jardim pegando os coneys e comendo- os.” O leopardo ficou com ele por alguns anos protegendo as verdinhas até que o velho partiu, indo com alegria para o Senhor.'

No mesmo lugar, Malocha, o divino João, o Saba'i'te, também residia, junto com o grande Demétrio, [que havia sido] o principal médico imperial.

Um dia eles viram uma grande pegada de serpente na areia do barranco. Abba Demetrius disse ao grande João: 'Abba, vamos embora daqui, para que a besta não nos machuque.' Mas Abba João disse-lhe: 'Vamos orar em vez disso', e eles permaneceram em oração. Quando a besta estava a cerca de dois estádios deles, eis! Eles o viram elevada ao alto, por ordem divina, até as nuvens. Então, com um grande estrondo, caiu no chão e se despedaçou em mil pedaços.

Abba João, o Romano, discípulo do mencionado maravilhoso João, o Saba'l'te, disse-me que 'Um dia, quando estávamos em Arselaiou, eis! uma Lebre adulta trouxe seu filhote, uma coisinha, carregando-o na boca. Ela colocou o bebê, que era cego, aos pés do velho. Quando o santo viu que era cego, cuspiu no chão para fazer lama. Ele pintou nos olhos do [bebê] e imediatamente ele olhou para cima. A mãe se aproximou e beijou as solas dos pés do velho, pegou seu filhote enquanto ele andava e saiu correndo. No dia seguinte, eis! a mãe trouxe para o velho um repolho adulto na boca, arrastando-o com muito esforço. O santo sorriu gentilmente e disse-lhe: "De onde você tirou isso? Você deve ter roubado dos jardins dos pais. Eu não como nada roubado. Pegue-o e coloque-o de volta no lugar de onde você o roubou. Como que envergonhado, o animal pegou o repolho e colocou-o de volta na horta de onde ela o havia tirado.'

'Outra vez', disse ele, 'houve um longo período no deserto sem chuva. Um grande rebanho de cabras selvagens reuniu-se e perambulou por todas as regiões montanhosas de Arselaiou em busca de água para beber, sem encontrar. Era o mês de Agosto. Como todo o rebanho", disse ele, "estava prestes a morrer de sede, eles subiram ao pico mais alto de todas as montanhas do deserto. Todos aqueles animais olharam atentamente para o céu e começaram a balir em uníssono, como se estivessem clamando ao Criador. E como se estivessem na presença do Senhor da Glória', disse ele, 'eles não se moveram dali, mas a chuva caiu ao redor deles somente naquele lugar. E assim eles beberam de acordo com a declaração do profeta sobre Deus: "Ele dá o alimento aos animais e aos corvos jovens que o chamam". Vale a pena contar e lembrar este capítulo, porque mostra que a calúnia é algo terrível e doloroso:

O mesmo maravilhoso Abba John, o Saba'i'te, contou isso. 'Certa vez, enquanto eu residia', disse ele, 'na parte mais remota do deserto, um irmão do mosteiro veio me visitar. Perguntei-lhe: "Como estão os Padres?" E ele disse: "Estou bem, graças às suas orações". Então perguntei a ele sobre um irmão que tinha uma má reputação presa ao seu nome. Ele me disse: "Acredite, pai, ele ainda não perdeu essa reputação". Quando ouvi isso, disse: "Humph". 'E quando eu disse "Humph", fui levado a um transe onírico e me vi diante do Santo Gólgota enquanto o Senhor estava sendo crucificado entre os dois bandidos. Corri para frente para me aproximar e venerá-Lo.

Quando Ele viu isso, deu ordens aos santos anjos que estavam ao seu lado, dizendo em alta voz: “Joguem-no fora! Para mim ele é um anticristo, porque condenou seu irmão antes que eu mesmo o julgasse.” Fui expulso e, quando ia sair pelo portão por onde havia passado, meu capuz ficou preso no portão quando ele se fechou. Deixei lá e acordei imediatamente.

Eu disse ao irmão que estava me visitando: “Este é um dia muito ruim para mim”. Ele disse: “Por que razão, Pai?” Contei-lhe as coisas que tinha visto e disse: “Acredite em mim, o capuz é o abrigo de Deus sobre mim, e eu o perdi”. 'E como na presença do Senhor da Glória, [juro que] daquele dia em diante passei sete anos vivendo no deserto sem provar pão, sem me abrigar ou conversar com qualquer ser humano, até que vi o Senhor também ordenar que Recebo meu capuz de volta.” Quando ouvimos essas coisas sobre o maravilhoso João, dissemos: 'Se é difícil para o justo ser salvo, o que será do ímpio, do pecador e do lascivo?' Outro descendente maravilhoso do nosso deserto foi Orentius.

Nosso santo pai, o hégoumen, e outros homens me contaram seus feitos maravilhosos. 'Este homem', disse [nosso hÿgoumen], 'havia acendido em si mesmo a luz do Espírito Santo a tal ponto que ele poderia apagar as chamas do fogo visível. Pois ele sempre levava brasas nas mãos quando oferecia incenso. Pois bem, um dia alguns estranhos vieram visitá-lo e o velho graciosamente escolheu, sob a influência do inimigo do bem, oferecer-lhes incenso.

Assim que o fogo tocou sua mão, queimou seu dedo médio e danificou seus nervos. Desde então, sempre que ele enviava uma carta a alguém, ele escrevia “Orêncio, a Mão Queimada” como endereço do remetente. 'No entanto, o favor de Deus não abandonou o velho, pois mais tarde o Senhor fez muitos outros sinais através dele, entre os quais estava este: Certa vez, uma patrícia veio à Montanha Sagrada junto com sua filha, que estava possuída. Quando ela soube do velho, quis venerá-lo. Mas isto o santo não permitiu; em vez disso, ele pegou um cacho de uvas e enviou para ela. Ao vê-los, o demônio dentro da menina começou a gritar: “Abba Orentius, por que você veio aqui?”

Depois de fazer a garota ter convulsões, ele se afastou dela.' Abba Abraão, o sacerdote sênior, também me contou esta história. 'Quando Abba Orentius estava morrendo, eu estava sentado ao lado dele, assim como Abba Sérgio - o bispo de Aila - e alguns outros padres. Ao contemplar a presença angélica, o velho disse ao bispo: “Faça uma oração, padre”. Após a oração nos sentamos novamente. Então, novamente o velho disse ao bispo: “Faça uma oração”. Após a oração, ele se dirigiu a ele mais uma vez: “Você viu quantos corvos entraram aqui, meu grande Senhor? Por Pela graça de Cristo,

não lhes darei atenção, e nenhum deles chegará perto de mim.” Depois de dizer essas coisas, ele partiu para o Senhor em paz e alegria.'

Estive presente na morte de Abba Estêvão de Bizâncio, ex-secretário do General Maurianus. O mesmo aconteceu com Abba Teodósio, o Africano, que se tornou bispo na Babilônia. Enquanto recitávamos o salmo “irrepreensível”, como é costume para aqueles que estão respirando pela última vez, o moribundo de repente lançou um olhar penetrante e falou asperamente para alguém visível para ele, dizendo: ‘Por que você veio aqui? Vá para a escuridão exterior! Você não tem nada a ver comigo. O Senhor é a minha porção.'

Então, quando recitamos o versículo que diz: “O Senhor é a minha porção”, Abba Estevão entregou seu espírito ao Senhor. Procuramos em sua cela uma capa para usar como mortalha, mas não encontramos nenhuma, embora ele já tivesse conhecido tanta riqueza e glória. O companheiro deste homem abençoado, tanto no mundo quanto em seu modo de vida, foi meu Abba Epifânio, o Recluso. Ele migrou para o Senhor há dois anos. Uma descrição muito longa poderia ser dada sobre sua fortaleza e perseverança no ascetismo e na doença. Ele definhou a tal ponto que não sobrou nada dele além de fôlego e ossos. No início de sua reclusão, um anjo do Senhor ficou ao lado dele e disse: 'Se você servir a Cristo com perseverança, será privilegiado com o dom do Espírito Santo.' Pela graça de Deus, foi isso que aconteceu: pois ele recebeu muita riqueza e iluminação do brilho do Espírito Santo. Com luz divina ele podia ver os espíritos demoníacos das trevas que muitas vezes flutuava em sua cela. Às vezes eles o incomodavam e às vezes tentavam agredi-lo. Mas contra pessoas como essas ele estava protegido pela armadura do poder de Cristo; muitas vezes ele zombava abertamente deles e os considerava impotentes.

Este santo entre nós tinha o costume, que lhe foi transmitido há muito tempo, de não se encontrar com ninguém - nem mesmo com seu próprio servo - antes da quarta hora, a menos que por necessidade. Então, quando ele soube antecipadamente de Deus sobre sua própria partida para o Senhor, o escravo de Cristo disse à noite ao seu discípulo: 'Amanhã, antes do amanhecer, abra o portão e venha até mim lá dentro, porque há uma certa necessidade que eu quero mostrar para você.' O escravo de Cristo não estava mentindo. Pois pela manhã, quando o discípulo abriu e entrou, descobriu que o santo havia se posicionado em direção ao Oriente e partido para o Senhor. O discípulo do velho é um civil chamado Zacarias, que se tornou ourives na Babilônia.

Há alguns anos, durante o Santo Jejum, um dos padres pegou seu discípulo e disse-lhe: 'Filho, durante estes dias santos, observemos a seguinte conduta: viajemos ao redor do deserto, pois Deus certamente nos privilegiará

em ver um de Seus escravos, os anacoretas, e receber dele uma oração.' Enquanto viajavam pela região de Sidid, eles olharam para uma ravina muito profunda e viram uma cela e árvores produzindo todos os tipos de frutas fora da estação. “Depois que descemos e nos aproximamos”, disse ele, “gritamos: “Benditos sejam vocês, Padres”. E eles nos responderam: “Bem-vindos, padres”. Mas com essa palavra tudo desapareceu, tanto a cela quanto as árvores. Então demos meia-volta e voltamos ao topo da montanha. Dali avistamos novamente a cela e, ao avistá-la, descemos novamente.

Aproximamo-nos e dissemos a mesma coisa e ouvimos a mesma voz, mas da mesma forma tudo desapareceu novamente. 'Então eu disse ao irmão: 'Vamos, filho, e confie em Deus que, na medida em que os escravos de Cristo nos disseram: 'Bem-vindos, Padres', Cristo se dignará a nos receber com eles na vida futura, graças à sua intercessões, às suas súplicas, e ao seu trabalho e suor. Goudda é um lugar com um jardim a cerca de quinze milhas de Holy Bush. Abba Cosmas, o Armênio, morava aqui comigo. Um dia cada um de nós saiu sozinho para o deserto para meditar na contemplação de Deus. Quando alguém se afastou cerca de três quilômetros de sua cela, ele se deparou com a entrada de uma caverna. Dentro dela viu três homens deitados, vestindo túnicas feitas de fibras de palmeira. Ele não sabia se eles estavam vivos ou mortos. Ele decidiu voltar para sua cela e pegar um incensário e depois retornar aos santos padres. Com grande precisão ele marcou o local montando marcos. Então ele foi até sua cela, pegou o incensário e Abba Cosmas e voltou. Procuraram o local e os marcadores com muito esforço, mas não conseguiram encontrá-los. Pois é costume entre os santos anacoretas, tanto na vida como após a morte, revelar-se e ocultar-se sempre que quiserem, pelo poder de Deus.

Na terrível ravina chamada Sidid, um homem santo costumava morar sozinho com seu discípulo. Um dia o velho enviou seu discípulo para Rhaithou. Três dias depois ele estava no deserto perto do Ponto de Passagem. Enquanto estava concentrado na contemplação divina, viu seu discípulo vindo de longe. Pensando que ele era um sarraceno, ele mudou sua forma para uma palmeira para escapar da atenção. Quando o discípulo chegou ao local, viu a palmeira. Perplexo, ele bateu nela com a mão, dizendo: 'Quando esta palmeira veio para cá?' Transportado por mão divina, o velho voltou para a caverna antes do discípulo. Ele o acolheu e lhe disse alegremente no dia seguinte: 'O que foi que eu fiz com você que fez você bater nas minhas orelhas ontem?' O discípulo se jogou no chão, negando e renegando o feito. Então o velho lhe contou o motivo da palmeira que tinha sido ele, e que ele havia se transformado instantaneamente na forma de uma palmeira porque estava ocupado na contemplação divina e não queria ser interrompido por nenhum ser humano encontro.

Abba Mateus me contou uma história semelhante. 'Enquanto eu morava em Arandoula', disse ele, 'para distribuir a Sagrada Comunhão no Dia do Senhor aos prisioneiros daquele deserto)' Eu mantive a Sagrada Comunhão na Santa Igreja trancada a sete chaves no armarium. Muitas vezes eu subi no Dia do Senhor e descobri que o recipiente havia sido aberto. Por conta disso fiquei magoado. Então comecei a contar as porções sagradas e a selar o recipiente com cera e anel de sinete. Então, no Dia do Senhor seguinte, fui e encontrei os selos e as fechaduras intactos. Mas quando abri e contei, descobri que faltavam três porções. 'Fiquei profundamente perplexo com isso quando, no Dia do Senhor seguinte, três monges apareceram diante de mim à noite. Eles me acordaram e disseram: “Levante-se! É hora do oficío. Então perguntei-lhes: “Quem são vocês, padres? De onde você é?" Eles disseram: “Nós somos os cativos, aqueles que muitas vezes vêm e comungam. Você não precisa mais se preocupar com isso.” Naquele momento percebi que os santos eram anacoretas. Agradeci a Deus por conceder graciosamente tais homens à nossa geração.'

Há momentos em que nossos abençoados anacoretas estão dispostos a aparecer não apenas aos cristãos, mas até mesmo aos sarracenos, a quem eles admoestam a se comportar de maneira ordeira e a não molestar os monges que vivem aqui. Estes incluíam o sarraceno chamado Mundhir, que vivia na porta de entrada da região de Arselaiou. Ele nos contou que: 'Uma vez, quando eu estava pastoreando minhas cabras no inverno, de repente me vi perto de um jardim com todos os tipos de frutas e uma pequena fonte de água. Vi um homem idoso sentado perto da fonte e um grande número de cabras selvagens vindo beber.

Enquanto eu estava lá, surpreso com as coisas que vi, o velho me disse: “Leve na sua sacola quantas frutas você puder carregar”. 'Enquanto eu estava colhendo a fruta', ele disse, 'ouvi o monge repreendendo um bode adulto que estava dando cabeçadas nas cabras selvagens com seus chifres e não as deixando beber em paz. Ele lhe disse: “Eis! quantas vezes eu já te contei? No entanto, você não parou de brigar com seus colegas. Bendito seja o Senhor, você não beberá mais desta água nem mais um dia”. 'Saí, mas no dia seguinte voltei com 100kg para o local, levando meus filhotes comigo. Não consegui encontrar o lugar em si, mas encontrei aquele rebanho de cabras. Quando os cães saíram correndo, perseguiram o bode ao qual o velho se dirigira - percebi que era o mesmo a quem ele havia dito: “Bendito seja o Senhor, mas não beberás mais um dia desta água”. Outro sarraceno disse a um dos irmãos aqui: 'Venha comigo e eu lhe mostrarei o jardim de um anacoreta'.

Então o irmão seguiu-o até a região de Metmor. Quando chegaram ao topo de uma montanha, o sarraceno mostrou-lhe um jardim e uma cela numa ravina. Ele lhe disse: 'Desça sozinho, para que o anacoreta não fuja ou se

esconda por minha causa, já que não sou cristão. Nunca ousei ir até ele pessoalmente. Quando o irmão caiu, o sarraceno caiu sob o domínio de Satanás e gritou para ele, dizendo: 'Pegue suas sandálias, Abba. Você os deixou aqui. O irmão virou-se para olhar para trás e disse: 'Não preciso deles'. Depois voltou o rosto para a descida - mas o jardim e a cela tinham desaparecido, não sendo mais visíveis ao monge ou ao sarraceno, até hoje.

O monge permaneceu angustiado por um longo tempo, dizendo: 'Se a esposa de Ló sofreu alguma coisa quando se virou para olhar para trás, é isso que eu também estou sofrendo agora'. Um homem chamado George, o Draam - que era um bom cristão, mas escravo de um sarraceno - ele mesmo nos contou essa história:

'Certa vez, enquanto eu estava pastando camelos no deserto de Bilÿm, encontrei um homem muito velho sentado no deserto com uma pequena cesta. Eu disse para ele. “Abençoe-me, Senhor.” Ele não fez nenhum som, mas colocou seu selo em mim com a mão direita. Eu havia me afastado quatro ou cinco passos quando pensei comigo mesmo: “Acredite, não vou embora até que tenha agarrado os pés do velho e ele tenha feito uma oração por mim, para que o Senhor possa me libertar de esta opressão.” Virei-me e procurei por toda parte, olhando por toda parte, mas não conseguia mais vê-lo, embora o lugar estivesse vazio e sem árvores.'

Há um ano, um dos padres confinou-se numa caverna durante o período de quarenta dias do Santo Jejum. O diabo, que sempre despreza aqueles que brigam com ele, encheu toda a sua caverna com vermes, do chão ao telhado. Eles entraram na água, no pão e em todas as coisas dos monges, de modo que, em suma, nem um dedo da caverna podia ser visto vazio. Mas o velho suportou nobremente a provação e disse: 'Mesmo que eu morra, não partirei até a Festa Santa'. Na terceira semana do Santo Jejum, eis! Certa manhã, ele vê um número indescritível de formigas grandes entrando na caverna para destruir os vermes. Como se estivessem em uma guerra, em seis horas eles mataram todos eles e os carregaram para fora da caverna. E assim vemos que a perseverança sob provação é boa, pois certamente chega a um bom fim.

Aba Estêvão, o Cipriota, veio comigo para a Montanha Sagrada. Ele era um homem muito pacífico e participante do Espírito Santo, adornado com todas as virtudes. Quando ele estava prestes a morrer, ele teve vergões como acho que nenhum homem jamais viu antes. Ele definhou por muitos dias e depois morreu. Um dos que conheciam sua diligência e modo de vida ficou perturbado, pensando consigo mesmo: 'Como uma pessoa assim sucumbiu a tal força?' Então o bem-aventurado Estêvão apareceu-lhe em sonho e disse: 'Senhor Irmão, mesmo que por um pouco de tempo eu tenha

ficado repugnante, ainda assim encontrei maior liberdade de expressão com Cristo'.

Abba George, o Gademita, um homem santo e um dos antigos pais da Montanha Sagrada, contou-nos como, quando era mais jovem, 'Um irmão veio aqui para fazer sua renúncia. Ele não contou a ninguém o seu país ou seu nome. Ele possuía tal silêncio e reserva que não trocava prontamente palavras, muitas ou poucas, com ninguém, a não ser por necessidade. Depois de ter sido tonsurado e de ter completado os dois anos de serviço no cenóbio, partiu imediatamente para o Senhor e foi sepultado no túmulo dos Padres. No dia seguinte, outro dos pais morreu. Quando abrimos o túmulo para sepultá-lo, não encontramos o corpo do irmão que já havia sido sepultado. Ele foi transportado por Deus para a terra dos vivos. 'Bem, depois', disse ele, 'quando nos aprofundamos no assunto, certas pessoas se dispuseram a nos dizer que ele era filho do imperador Maurício e foi salvo por sua ama quando os filhos de Maurício foram mortos no hipódromo do tirano Focas. Em meio ao grande alvoroço, ela conseguiu se esgueirar e fazer uma troca, entregando seu próprio filho para ser morto como substituto do filho imperial. A enfermeira contou-lhe a história quando ele atingiu a idade adulta. Por esta razão", disse ele, "ele decidiu oferecer-se a Deus para expiar aquele que havia sido morto em seu favor".

Capítulo II Anastácio do Sinai, Coleção II.

Há alguns anos alguém aqui no nosso deserto foi feito doente por um espírito imundo. Seu nome era Gregory e ele era armênio de nascimento. Tamanho era o domínio do demônio que seus gritos constantes praticamente não permitiam que nenhum dos que moravam nas proximidades dormisse. Um dia, eu e alguns outros pais estávamos sentados ao lado do sofredor para consolá-lo. Ficamos desanimados e muito angustiados com sua doença quando ele começou a gritar na língua armênia: 'Não venha aqui! Não se aproxime! Você está me queimando! Não venha! Não chegue perto de mim! Ficamos atônitos, sem saber por que o demônio gritava essas coisas, quando eis! Notei que meu discípulo João (que pela graça de Cristo é agora estilita em Dióspolis) se aproximava de onde estávamos reunidos ao lado do sofredor. Quando o enfermo o viu, começou ainda mais a gritar as mesmas palavras e a ficar muito agitado, tentando fugir e fugir como se estivesse queimando em fogo. Olhando de perto, vi que meu discípulo trazia no pescoço minha cruz de prata, na qual eu guardava um grande, venerável e verdadeiro pedaço do lenho sagrado e vivificante da Cruz.

Então todos os presentes souberam que era por causa disso que o espírito imundo estava agitado e tremia e gritava: 'Não venha aqui! Não me queime! Tomando a mesma venerável cruz, conseguimos, com muita força, golpes e correntes, pendurá-la no pescoço do sofredor. Daquele momento em diante ele recebeu muito alívio e misericórdia; pois então, finalmente, ele foi libertado de seu sofrimento e tornou-se saudável pela graça de Cristo.

Além disso, considerei oportuno deixar claro aos leitores o propósito pelo qual me propus escrever isto. Muitos e incontáveis são os prodígios e milagres de Deus que aconteceram em vários lugares entre os cristãos, sim, até mesmo em nossa geração. O que foi feito e demonstrado em vários locais da terra e do mar merece toda exposição e recordação; destes, anotei mais de trinta em minhas anotações como lembrete. Mas agora, devido à incerteza da minha vida, estou interessado em recolher apenas aqueles que possam intensificar a fé dos cristãos e dar grande encorajamento aos nossos irmãos que estão cativos, bem como a todos os que os ouvem e lêem com fé. Entre elas está a história que vou contar agora.

Quando, pelo justo julgamento de Deus, a nação dos sarracenos saiu de seu próprio país, eles também vieram para cá, para a Montanha Sagrada de Sina, a fim de assumir o controle do lugar e fazer com que aqueles sarracenos, que estiveram aqui antes deles e anteriormente eram cristãos, afastar-se da fé em Cristo. Ao ouvirem isso, aqueles que tinham suas moradias ou tendas perto do Forte e da Mata Sagrada subiram com suas famílias ao Cume Santo como se fossem um lugar fortificado, para fazer guerra aos sarracenos que se aproximavam do alto. E foi exatamente isso que eles fizeram. No entanto, como não conseguiram manter-se firmes por muito tempo contra o grande número daqueles que vieram, renderam-se e foram até eles, abraçando a sua fé. Entre eles estava um amante de Cristo ao extremo.

Quando ele viu a apostasia e destruição das almas de sua própria raça, ele correu por um lugar perigoso e precipitado para se atirar e escapar, tendo escolhido morrer uma morte corporal em vez de trair sua fé em Cristo e colocar sua alma em perigo. Sua esposa percebeu que ele havia fugido e pretendia se jogar naquele lugar terrível e perigoso. Ela se levantou e correu atrás dele. Agarrando firmemente as roupas do marido, ela se dirigiu a ele com uma torrente de lágrimas, dizendo em árabe: 'Onde você vai, meu bom marido? Por que você está abandonando a mulher que vive ao seu lado desde a infância?

Por que você deixa a mim e a seus filhos órfãos à destruição, lutando para se salvar sozinho? Lembre-se de que nesta hora Deus é minha testemunha de que nunca enganei sua cama - portanto, não deixe que eu seja contaminado de corpo e alma. Lembre-se de que sou uma mulher; [cuide

para que] eu não perca minha fé e meus filhos de uma vez. Mas se você realmente decidiu partir, primeiro salve a mim e a seus filhos e depois, tendo nos salvado, salve sua própria alma. Cuidado para que no dia do acerto de contas Deus exija de você a responsabilidade pela minha alma e pelos seus filhos, que você deixou órfãos, porque você apenas lutou para se salvar. Portanto tema a Deus, mate a mim e a seus filhos, depois siga seu próprio caminho com honra. Não deixemos que nós, ovelhas órfãs, caiamos nas mãos desses lobos, mas imitemos Abraão e nos ofereçamos como sacrifício a Deus neste lugar santo.

Para que Deus tenha piedade de você, não tenha piedade de nós: sacrifique seus filhos Àquele que os deu a você, para que pelo nosso sangue Deus também possa salvá-lo. É bom para nós sermos oferecidos por você a Deus, e não sermos desviados para a nossa destruição por pessoas sem lei, ou sermos punidos severamente por mãos bárbaras. Não se perca! Não vou libertá-lo: ou você deve ficar conosco ou matar a mim e a seus filhos e depois ir você mesmo. Ao dizer coisas como essas, ela convenceu o marido. Ele sacou sua espada e matou ela e seus filhos. Então ele se jogou no penhasco no lado sul do Cume Sagrado. Ao fazer essa saída, só ele foi salvo da destruição iminente, uma vez que todo o resto dos sarracenos se rendeu e apostatou da fé em Cristo.

Mas enquanto eles se desviaram, ele, sem se desviar [na fé], foi 'vagando pelos desertos e pelas montanhas e pelas cavernas e pelas cavernas da terra', como aquele profeta Elias que se salvou das mãos ímpias, fugindo para Horebe. Ele viveu entre animais selvagens,138 tendo escapado de animais selvagens perversos; ele se tornou um andarilho que adorava a Deus, para não se tornar um andarilho que adorava ídolos. A partir de então ele nunca mais pisou em nenhuma casa, cidade ou vilarejo, até fazer a viagem para a Cidade Celestial. Em vez disso, durante anos consideráveis ele foi um eremita e ao mesmo tempo um cidadão de Deus, como Elias, Eliseu e João. Tão incrível é o que ele ousou fazer com sua companheira e filhos por sua própria espada, que alguns provavelmente contestarão se Deus realmente aceitaria um sacrifício como o dele. Quanto a Deus que é bom e ama a humanidade, e que quer dar segurança a todos – o que Ele fez?

Ele revelou e predisse ao Seu escravo no deserto a sua transferência desta vida alguns dias antes de acontecer. E então ele foi ao Santo Bush e rezou e participou dos Santos Mistérios. Quando ele começou a enfraquecer naquela que é chamada de casa de hóspedes, alguns dos santos Padres vieram ao seu lado. A maioria deles ainda está viva e foi testemunha ocular do seguinte: Quando o escravo de Cristo chegou à hora exata de sua partida para Deus, ele viu aproximando-se dele aqueles Santos Padres que haviam sido massacrados como mártires de

Deus neste lugar pelos bárbaros. Ele os cumprimentou, abraçou e recebeu bênçãos deles como se estivesse vendo amigos depois de muito tempo, e se alegrou e exultou com eles como se estivesse na igreja. Alguns deles ele até chamava pelo nome, movendo os lábios para beijá-los e cumprimentá-los. Como se fosse convidado por todos a viajar com eles para uma festa e celebração, assim, desta forma alegre e alegre, ele começou sua jornada com os santos mártires como companheiros de viagem. Isto ele mesmo disse e descreveu aos presentes. Na minha opinião, o que ele viu foram poderes angélicos disfarçados dos Santos Padres que lutaram o bom combate neste lugar e conquistaram a coroa da vitória. Eles estavam honrando e acompanhando adequadamente aquele que havia imitado seus caminhos nessas moradas - ele, que havia demonstrado a Deus um amor e uma fé que excediam os Justos de antigamente.

P.s A palavra "hegúmeno" (ou "igúmeno") tem um significado específico na tradição dos monges eremitas da Igreja Ortodoxa. O hegúmeno é o líder ou superior de um mosteiro ortodoxo, responsável por guiar e administrar a vida espiritual e prática da comunidade monástica.

O termo "hegúmeno" deriva do grego antigo e significa "o que está à frente" ou "o líder". O hegúmeno é escolhido entre os monges mais experientes e respeitados da comunidade. Suas responsabilidades incluem dirigir os serviços religiosos, administrar os assuntos cotidianos do mosteiro, orientar os monges em sua vida espiritual e servir como um exemplo de piedade e disciplina monástica. No contexto dos monges eremitas, o hegúmeno desempenha um papel crucial na preservação da vida monástica e na promoção da busca espiritual dentro da comunidade. Ele é visto como um pastor espiritual que orienta os monges em sua jornada de renúncia, oração e contemplação.